

## **Estudo introdutório sobre o Coco do Calemba de São Gonçalo do Amarante (Rio Grande do Norte/ Brasil) na Folkcomunicação<sup>1</sup>**

Francisco Hiago de Lima MACIEL<sup>2</sup>

Itamar de Moraes NOBRE<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

Reflete-se sobre as características folkcomunicacionais do Grupo Parafolclórico Coco do Calemba em São Gonçalo do Amarante – RN. As técnicas de observação utilizadas consistem no acompanhamento de atividades do grupo parafolclórico e entrevistas realizadas com seus participantes no período de março a julho de 2015. Compreendemos que a manifestação folclórica do grupo Coco do Calemba comunica práticas oriundas da região e mobiliza a sociedade local. Aliado a isso encontramos no folgado uma manifestação pertencente a cultura afro-brasileira e de grande apelo popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coco de Roda; Cultura Popular; Folclore; Folkcomunicação.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho é resultado de um recorte das pesquisas realizadas dentro do Grupo de Estudos IMACCUS - Imagem, Comunicação, Cultura e Sociedade, vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a partir da pesquisa intitulada: “As manifestações culturais em São Gonçalo do Amarante/RN no contexto da Epistemologia do Sul”, financiada pela Pró-Reitoria de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 04 a 07 de setembro de 2015.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Comunicação Social, 3º período, habilitação em Jornalismo, UFRN. Integrante do Grupo de Pesquisa Em Estudos da Mídia - PRAGMA; Membro do Grupo de Estudo - Imagem, Comunicação, Cultura e Sociedade (IMACCUS/UFRN). Participa da Iniciação Científica no projeto de pesquisa As Manifestações Culturais em São Gonçalo do Amarante/RN. Contato: francischiago.lm@gmail.com

<sup>3</sup> Docente e pesquisador do DECOM - Departamento de Comunicação Social e do PPgEM - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Filiado a INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, REDE FOLKCOM – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação e a RPCFB - Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil. Em estágio pós-doutoral (2014 – 2015), no Núcleo de Estudos Sobre Ciência, Economia e Sociedade, do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra/Portugal, na linha de pesquisa: Pós-Colonialismos e Cidadania Global, sob a supervisão do Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos. Financiado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil; BEX – 1673/14-9). Contato: [itanobre@gmail.com](mailto:itanobre@gmail.com).

Pesquisa da UFRN. O objetivo é apresentar as características folkcomunicaçãois com base em um estudo introdutório sobre o Coco do Calemba de São Gonçalo do Amarante (Rio Grande do Norte/ Brasil). Os dados foram coletados tendo como técnicas a observação, o registro e acervos fotográficos do grupo folclórico cultural e as entrevistas realizadas junto aos seus representantes no período de abril a julho de 2015.

O coco é uma dança popular nordestina, cantado em coro e refrão que responde aos versos do “tirador de coco”, chamado também “coqueiro”. É uma dança de roda encontrada nas praias e sertões de vários estados nordestinos. Em cada um deles recebe nomes diferentes tais como: coco praieiro na Paraíba; Bambelô ou coco de Zambê no Rio Grande do Norte; Tará ou coco de roda em Pernambuco; samba de aboio ou samba de coco em Sergipe e Coco, pagode ou samba em Alagoas.

Há vários tipos de coco, e esta variedade não se verifica exclusivamente entre os estados, mas também em seu interior, até mesmo numa única cidade. No coco são encontradas inúmeras variações tanto de estruturas coreográficas quanto poético-musicais. Os nomes dados aos diferentes tipos de coco mostram suas características com relação aos instrumentos musicais, coco de ganzá ou coco de zambê, da forma do texto poético, como o coco de décima ou de oitava, do lugar onde é executado, coco de praia, ou ainda do processo poético-musical, caso do coco de embolada.

Segundo Câmara Cascudo (1972), provavelmente o coco surgiu dos batuques do século XVI, e começou a se estruturar, oriundo das danças de umbigadas dos batuques africanos. Os homens e as mulheres na condição de escravizados, que trabalhavam na atividade "coqueira", os "quebradores de coco", deram início ao folguedo. Enquanto trabalhavam cantavam versos e rimas sobre o seu cotidiano. Desse modo, ficou a ideia de que o coco como música é algo historicamente construído depois da dança (a umbigada). Nas últimas décadas do século XX, a manifestação ganhou espaço nas áreas urbanas das regiões litorâneas.

A música começa com o coquista (ou tirador de coco) que puxa os versos, respondidos em seguida pelo coro. A forma é de estrofe-refrão, e os instrumentos mais utilizados são os de percussão: ganzá, bombos, zabumbas, caracaxás, pandeiros e cuícas. As palmas ritmadas dos seus brincantes acompanhadas dos versos cantados do tirador de coco, algumas vezes, já formam uma roda festiva.

Para que uma roda de coco se forme é preciso que a mestre entoe algum canto em forma de desafio para que o coro responda e segue-se a roda acompanhada de seus tocadores e dançarinas vestidas com saias rodadas multicoloridas. Esses cantos

representam, na maioria das vezes, o cotidiano presente em comunidades marginalizadas; neles encontramos também ironia e ambiguidade, ou crítica social, com temas ligados à condição do negro, ou das lutas camponesas na região. Lembranças de confrontos, dificuldades e sonhos para a memória coletiva da comunidade.

## **O COCO DE RODA, FOLCLORE E RESISTÊNCIA CULTURAL**

A palavra folclore foi usada pela primeira vez no século XIX pelo arqueólogo inglês William Thoms<sup>4</sup>, a partir da junção da palavra folk (que significa povo) com a palavra lore (saber). Para ele, o folclore delimitava a ciência que estuda as manifestações da tradição popular, suas representações, particularidades, crenças e superstições. Já o folclorista Câmara Cascudo<sup>5</sup> (1972) definiu o folclore como o conjunto de ações natas, a transformação sensível do ambiente e a projeção do interesse humano detém finalidade folclórica. Os estudos folkcomunicacionais vão além dos aspectos comunicacionais e exigem conhecimento na área dos estudos folclóricos que, no Brasil, são expressos pela Carta do Folclore Brasileiro<sup>6</sup> (1995), artigos de folcloristas e propostas da UNESCO, que classifica o folclore como patrimônio cultural imaterial. Sendo assim, é estabelecida a interdisciplinaridade desse campo da comunicação social ao buscar compreender as manifestações folclóricas como formas interpessoais ou grupais de manifestação que se caracterizam pela utilização de mecanismos artesanais para expressar mensagens linguagem popular. A definição da Comissão Nacional de Folclore (1995) é a seguinte:

Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. (COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, 1995, p. 01)

---

<sup>4</sup> Escritor, antiquário e folclorista britânico, (1803-1885)

<sup>5</sup> Historiador, antropólogo, advogado, jornalista e folclorista brasileiro, natural de Natal-RN. (1898-1986)

<sup>6</sup> O VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em Salvador, Bahia, de 12 a 16 de dezembro de 1995, procedeu à releitura da Carta do Folclore Brasileiro, aprovada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto de 1951. Esta releitura, ditada pelas transformações da sociedade brasileira e pelo progresso das Ciências Humanas e Sociais, teve a participação ampla de estudiosos de folclore, dos diversos pontos do país, e também teve presente as Recomendações da UNESCO sobre Salvaguarda do Folclore, por ocasião da 25ª Reunião da Conferência Geral, realizada em Paris em 1989 e publicada no Boletim nº 13 da Comissão Nacional de Folclore, janeiro/abril de 1993.

O coco de roda constitui-se como uma manifestação folclórica típica da região nordeste do Brasil, entre tantas manifestações, destaca-se pela simplicidade dos versos e dos passos que a regem. O coco surgiu a partir dos batuques africanos, misturando passos da umbigada, dança tradicional africana, com passos marcados com os pés que tiveram influência de rituais indígenas, esse fato constitui a aceitação coletiva, que é o pertencimento de um movimento a um determinado grupo e sua aceitação por grupos maiores. Já que hoje o coco pode ser dançado por pessoas de qualquer classe social e etnia mesmo que o seu surgimento tenha sido entre os negros escravizados no século XVI. As constantes transformações no modo de dançar e cantar o coco revelam a tradicionalidade dessa manifestação, as características variam geralmente entre um estado e outro, podendo o coco receber diversas nomações como coco de roda, coco do sertão e coco de ganzá. O coco é um movimento dinâmico, suas transformações só são possíveis devido as criações contemporâneas das pessoas que inserem novos versos e novos passos na dança. A funcionalidade do coco de roda está presente no contexto social em que surgiu e no modo como ele se manifesta atualmente, uma roda de coco pode formada de uma maneira quase espontânea necessitando apenas que o mestre ou puxador entoe o canto inicial que será respondido pelos outros brincantes com cantos, batuques e danças. A essas características acrescenta-se ainda a resistência cultural já que o coco faz parte da memória da cultura afro brasileira, pode se analisar essa característica também em alguns versos de entoadas dos cocos que narram o cotidiano dos negros escravizados que trabalhavam em atividades ligadas ao cultivo de coco, como catadores e quebradores. Ao analisar o coco de roda na comunidade de Caiana dos Crioulos - PB<sup>7</sup> sob essa perspectiva, Dowling e Melo (2012) concluíram que “a visão de mundo vivenciada acerca de uma história reconstruída, permite à comunidade preservar uma memória coletiva e transmitir certa tradição popular, mesmo diante da globalização mundial e do avanço das novas técnicas de difusão e reinterpretação dos bens culturais.”

## **SOBRE O COCO DO CALEMBA**

O Grupo Parafolclórico do Coco do Calemba foi fundado em 1999, surgiu com o nome Aldeia Boi do Calemba. A Aldeia do Boi Calemba promovia apresentações culturais na cidade misturando elementos de manifestações populares com elementos circenses, era

---

<sup>7</sup> Caiana dos Crioulos é uma comunidade quilombola localizada na zona rural do município de Alagoa Grande, no estado da Paraíba, a comunidade foi reconhecida em 2005 como sendo um dos treze legítimos quilombos do Brasil.

dirigido por Ivani Machado, atual pesquisadora cultural da Secretaria de Cultura de São Gonçalo do Amarante. Em 2002, o grupo deu uma pausa nas suas atividades e permaneceu assim por oito anos. As atividades foram retomadas no ano de 2010 e desde então o grupo passou por diferentes formações. A atual formação foi composta em 2014 quando Sidlei Figueroa e Marcos Zavareze, ex-bricantes do grupo, assumiram a coordenação do grupo a convite de Ivani Machado. A origem da palavra “calemba” remete a manifestação do boi de reis, que em São Gonçalo do Amarante foi batizado de Boi de Calemba por Mário de Andrade<sup>8</sup>. Durante sua expedição como turista aprendiz, Mário batizou a manifestação de Boi de Calemba por que as apresentações aconteciam na praia e no dia de reis. Calemba é a última parte da água do mar que chega na areia. Os idealizadores do Coco do Calemba se apropriaram dessa denominação e assim batizaram também o grupo de coco.

Atualmente o Coco do Calemba conta com 20 brincantes e 6 membros de coordenação, entre coreógrafos, produtores e equipe de apoio. Os brincantes são todos jovens de São Gonçalo do Amarante, entre 16 e 21 anos, e foram selecionados através de convocações pelas mídias sociais e também convites feitos pelos amigos e organizadores. As apresentações do Coco do Calemba contam com músicas e coreografias tradicionais do folgado do coco, mas também reúnem músicas de cantores populares como Khrystal<sup>9</sup>, Eline Julião<sup>10</sup> e outros artistas da cultura nordestina. Além disso, por se tratar de um grupo parafolclórico, o Coco do Calemba reúne elementos de outras manifestações culturais como do Boi de Reis e Pastoril. Na maioria das vezes, as apresentações do grupo não conta com música ao vivo, mas os integrantes acompanham os áudios das canções cantando e dançando com graciosidade e harmonia.

O grupo se mantém financeiramente através de auxílios da prefeitura municipal de São Gonçalo do Amarante e verbas oriundas de editais promovidos pelo Ministério da Cultura, como o edital Cultura 2014 no qual o grupo foi classificado para se apresentar durante a Copa do Mundo FIFA 2014 como um dos representantes da cultura popular brasileira. Ao todo foram seis apresentações no período de junho a julho de 2014, divididas entre o Teatro de Cultura Popular Chico Daniel, Teatro Alberto Maranhão e Parque das Dunas, todos localizados em Natal-RN, uma das cidades sede do evento esportivo.

---

<sup>8</sup> Poeta, escritor, crítico literário, musicólogo, folclorista e ensaísta brasileiro, natural de São Paulo – SP, (1893-1945).

<sup>9</sup> Cantora e compositora brasileira, natural de Natal- RN, (1981), seu estilo musical é influenciado pela música local e autoral.

<sup>10</sup> Cantor brasileiro, natural de Timbaúba dos Batistas- RN, (1936 – 2006), interpretava músicas de forró que se tornaram conhecidas pela forte ligação com a cultura da Região do Seridó – RN.

O grupo conta com cinco figurinos diferentes, alguns que ainda não foram usados em nenhuma apresentação. Todos os figurinos são confeccionados por membros do equipe de produção do Coco do Calemba, que realizam o trabalho voluntariamente. Os figurinos são feitos de tecido de algodão, como eram as roupas tecidas pelos primeiros brincantes do Coco, e com aplicações de bordado coloridas. As meninas usam uma saia longa e rodada, camiseta e um colete, levam sempre algum adereço floral na cabeça, já os meninos se apresentam vestidos com uma calça que leva aplicações de bordado na barra, camisa neutra e um colete floral, na cabeça eles usam um chapéu que serve como adereço complementar do figurino.

Os ensaios do grupo geralmente ocorrem no Teatro Municipal de São Gonçalo do Amarante, durante o período da noite, devido ao horário de aula dos integrantes. Não existe dia fixo para os ensaios, que são agendados conforme a demanda de apresentações, quando há necessidade de elaborar novas coreografias ou montagem de espetáculos, os ensaios chegam a ser de segunda a sexta. A foto abaixo, mostra uma das apresentações do grupo durante o mês de junho de 2015 em uma escola da rede privada de ensino de Natal-RN.



Foto: Reprodução Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=866402333434842&set=a.866394090102333.1073741883.100001952508420&type=3&theater>.

(Acessado em 10/07/2015)

Durante as apresentações, o Coco do Calemba utiliza vários elementos da cultura popular brasileira. A introdução da apresentação é feita com a presença dos homens executando passos da dança enquanto um narrador fala rapidamente sobre os instrumentos usados durante a apresentação, quando a música inicia os passos são mais acelerados e há a entrada das mulheres para a formação dos casais. As mulheres entram na dança com muita graciosidade, o efeito das saias longas e coloridas é visto quando elas executam giros ao



redor de seus pares. Em boa parte da apresentação, os homens ficam de joelhos, remetendo a posição dos negros escravizados durante a atividade da quebra do coco que deu origem ao folguedo. Outras referências são feitas a origem do coco de roda, como os versos que falam sobre a umbigada e a quebra do coco, mas o grupo também se apropria de elementos diversos da cultura popular para dinamizar suas apresentações. As palmas ritmadas são um convite para que as pessoas acompanhem a apresentação com alegria, e os versos simples podem ser cantados facilmente por todos, estabelecendo uma aproximação com o público e uma certa interatividade. As evoluções coreográficas seguem todas assim, com palmas, giros, passos bem marcados e acompanhadas por músicas no ritmo tradicional do coco. O Coco do Calembe ainda não conta com um grupo que o acompanhe ao vivo durante suas apresentações, mas em alguns eventos contam com a parceria do grupo pé de serra Será o Benedito que executa as canções para a apresentação.

## **O COCO DO CALEMBA E A FOLKCOMUNICAÇÃO**

O termo folkcomunicação surge em decorrência dos estudos de Luiz Beltrão com sua tese de doutorado (1967). Ele foi um dos pioneiros na introdução do estudo científico da Comunicação no Brasil. Para Beltrão (1967), a folkcomunicação se caracterizava como “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes de massa através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore.”

Segundo Beltrão (1980), existem diversas possibilidades de estudos da folkcomunicação, a folkcomunicação oral, a folkcomunicação musical, a folkcomunicação escrita, a folkcomunicação de conduta e a folkcomunicação cinética. Essas formas de comunicação são consideradas como “meios de expressão utilizados pelas populações marginalizadas.” Beltrão classifica população marginalizada como aquela composta por indivíduos a margem de duas culturas, de duas sociedades que nunca se interpenetraram e nunca se fundiram totalmente. Ele estabelece três tipos de grupos marginalizados, os grupos rurais marginalizados, os grupos urbanos marginalizados e os grupos culturalmente marginalizados. Esses grupos seriam influenciados pelos meios de comunicação de massa, e gerariam novos meios de comunicação e novos tipos de audiência através do conhecimento popular e tradicional. Esses aspectos caracterizam a folkcomunicação como uma área de conhecimento comprometida com a emergência das classes marginalizadas e suas expressões culturais, resultando assim na valorização do conhecimento popular e sua inserção no campo acadêmico.

O grupo parafolclórico Coco do Calemba encontra-se como um potencial emissor folkcomunicação, levando em conta a origem da manifestação cultural e toda sua tradição. O Coco do Calemba articula a sociedade de São Gonçalo do Amarante, juntamente com outros grupos parafolclóricos e culturais, tornando a cidade conhecida como o pólo de arte e cultura do estado do Rio Grande do Norte. Tanto que, a maioria dos integrantes do grupo tem parentes que dançam ou já dançaram em outros grupos, e isso também se aplica aos próprios brincantes. Ressalta-se também aqui o envolvimento do público local, que sempre acompanha as manifestações folclóricas e se orgulha do título concedido a cidade, caracterizando-se assim como produtos da audiência folk.

## CONCLUSÃO

A Região Nordeste é o berço do coco de roda, uma manifestação folclórica rica em todos os seus aspectos e que ainda abriga a resistência da cultura afro-brasileira em sua origem. O trabalho do Grupo Parafolclórico Coco do Calemba, constitui na manutenção dessa tradição e ao mesmo tempo na sua renovação, através de releituras e fusões com outros folguedos e brincadeiras. Em São Gonçalo do Amarante, o Coco do Calemba se articula junto aos outros grupos para manter a cultura local mais significativa para a população. Além disso o grupo divulga a cultura popular brasileira em eventos regionais e até mesmo nacionais, rompendo as fronteiras geográficas e levando cultura para diversos lugares.

Os elementos comunicacionais presentes no Coco do Calemba revelam-se através de cantos e gestos executados por participantes, que remetem a rotina dos quebradores de coco e ao mesmo tempo exaltam a alegria daquele grupo. As músicas usadas, o ritmo, as cores, tudo é preparado pensando no público como um degustador daquele trabalho, metáfora usada pela produtora do grupo.

Uma característica observada nesse trabalho é que em São Gonçalo do Amarante há uma quebra do paradigma de que a cultura popular e o folclore são de interesse apenas das pessoas mais velhas. O que acontece nessa cidade, especificamente no grupo do Coco do Calemba, é que há um envolvimento em massa de jovens e até mesmo crianças em manifestações culturais. Esse fato também se constata em outros grupos. Também existem grupos formados por pessoas mais velhas e ambos lutam pela preservação das diversas manifestações, folguedos e brincadeiras existentes na região.



É necessário vencer ainda algumas barreiras para que a cultura popular penetre de fato na lista dos vários orgulhos brasileiros. Mas o trabalho realizado pelo Grupo Parafolclórico Coco do Calemba contribui para essa renovação da cultura no âmbito local e nacional.

## REFERÊNCIAS

CASCUDO L. C.(1972). **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint:S/L.

BELTRÃO, L. (1980), **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez.

BELTRÃO, L. (2004). **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do campo: UMESP.

BENJAMIN, R. (2007) Folclore. In: S. L. Gadini, & K. J. Woitowicz, (orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: Editora UEPG.

DOWNLING e MELO G.B e F. (2012) **O coco de roda no quilombo**. Revista Amerika. Disponível: <http://amerika.revues.org/3164#tocto1n3> (Consultado em 08/07/2015)

GUSHIKEN, Y. (2011) **Folkcomunicação: Interpretação de Luiz Beltrão Sobre a modernização brasileira**. Revista Razón y Palabra. Edição 77. Agosto-Outubro 2011. Disponível em: [http://www.razonypalabra.org.mx/N/N77-1/16\\_Gushiken\\_M77-1.pdf](http://www.razonypalabra.org.mx/N/N77-1/16_Gushiken_M77-1.pdf). (Consultado em 09/07/2015)

COMISSÃO NACIONAL DO FOLCLORE. **Carta do Folclore Brasileiro**. 1995. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf> (Consultado em 08 / 07/2015)

Cocos. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/mandrade/coco.htm> (Consultado em 08/07/2015)

Coco. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/fccr/cadastro/junino3.php> (Consultado em 09/07/2015)